



O racismo na trajetória formativa de uma licencianda negra da UTFPR-Londrina

RACISM IN THE FORMATIVE TRAJECTORY OF A BLACK STUDENT AT UTFPR-LONDRINA

**Bruno Rodrigues Feitosa (orientado)*, Cristiane Beatriz Dal Bosco Rezzadori †,
Bruna Jamila de Castro ‡, Alexandre Luiz Polizel §**

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar as marcas deixadas pelo racismo na trajetória formativa de uma educanda negra do curso de Licenciatura em Química da UTFPR-Londrina. O racismo é assumido neste trabalho como uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos a depender do grupo racial ao qual pertencem. É um fenômeno complexo e estrutural e faz parte de um sistema de política e poder viabilizado pelo Estado, escolas, universidades e, também, pela massa, em que subjuga os negros ao negar-lhes direitos. Para dar conta do nosso objetivo adotamos como referencial teórico-metodológico a pesquisa narrativa, com a utilização de uma entrevista semi-estruturada para a coleta de dados. A narrativa produzida foi transcrita e analisada pelo viés da Análise de Conteúdo. Observamos que o racismo permeia a trajetória da licencianda, e que os acontecimentos narrados ora tentam diminuir os negros, ora apagá-los e/ou silenciá-los e que isso molda sua relação com a docência.

Palavras-chave: racismo, histórias de vida, formação inicial de professores.

ABSTRACT

The purpose of this work is to present the marks of racism in the formative trajectory of a black student in the Licentiate Degree in Chemistry at UTFPR-Londrina. Racism is assumed in this work as a systematic form of discrimination based on race, manifested through conscious or unconscious practices that culminate in disadvantages or privileges for individuals depending on the racial group to which they belong. It is a complex and structural phenomenon and is part of a system of politics and power made possible by the State, schools, universities and the population in general, in which it subjugates blacks by denying them rights. We adopted narrative research as a theoretical-methodological framework, using a semi-structured interview. The narrative produced was transcribed and analyzed using Content Analysis. We observe that racism permeates the undergraduate student's trajectory, and that the narrated events sometimes try to reduce blacks, sometimes to erase and/or silence them, and that this shapes their relationship with teaching.

Keywords: racism, life stories, initial teacher training.

* Licenciatura em Química, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Londrina, Londrina, Paraná, Brasil; brunofeitosa@alunos.utfpr.edu.br

† Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Londrina, Londrina, Paraná, Brasil; crezzadori@professores.utfpr.edu.br

‡ Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Campus Ourinhos, Ourinhos, São Paulo, Brasil; bruna.jamila@unesp.br

§ Universidade Estadual de Londrina, Londrina, Paraná, Brasil; alexandre_polizel@hotmail.com



1 INTRODUÇÃO

Este trabalho emerge do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação, Narrativas, Culturas e Ciências (GEPENC), vinculado ao Projeto de Pesquisa “Narrativas e o licenciar-se: narrar a si, narrar a experiência e o narrar do Outro”, do Curso de Licenciatura em Química, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná - Campus Londrina (UTFPR – Londrina). E tem como eixo central a temática racismo e seus impactos na trajetória formativa de uma licencianda.

Compreendemos racismo neste texto como uma atribuição de tratamento diferenciado, de forma sistêmica, a membros de um grupo racial (ALMEIDA, 2019), ou seja, “uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos a depender do grupo racial ao qual pertencem”. É parte de um sistema de política e poder viabilizado pelo Estado, escolas, universidades e, também, pela massa, em que subjuga os negros ao negar-lhes direitos: um racismo estrutural (ALMEIDA, 2019).

Dados do Censo de Educação Superior (BRASIL, 2012) mostram que alunos negros no ensino superior representam apenas 7,1%, enquanto as matrículas de alunos brancos representam mais de 42,6% do total. Perante estes dados podemos inferir que o racismo se faz presente no meio universitário, pois neste espaço há a predominância de alunos brancos, além de uma baixa participação de alunos negros no ensino superior (ARBOLEYA; CIELLO; MEUCCI, 2015).

Portanto, é urgente desenvolver pesquisa que busquem conhecer as histórias de vida destes estudantes negros, assim como daqueles excluídos que nem sequer chegam a ingressar no Ensino Superior, para entender os percalços e as afirmações e enfrentamentos vivenciados ao longo de suas trajetórias, para ampliar os debates e para construir uma educação antirracista. Em especial, nos parece importante conhecer as trajetórias formativas dos que cursam licenciatura, afinal, em meio a esse racismo estrutural, como se constroem e reconstroem as identidades docentes dos licenciandos negros?

Além disso, as histórias de vida de licenciandos negros podem assumir um papel significativo na denúncia do racismo, por meio das marcas deixadas no processo de formação destes futuros professores. Tais pesquisas podem, portanto, preencher lacunas no campo da pesquisa educacional.

Defronte tais aspectos, o presente trabalho tem por objetivo identificar as marcas deixadas pelo racismo na trajetória formativa de uma educanda negra do curso de Licenciatura em Química da UTFPR-Londrina, de forma a compreender como os acontecimentos relatados refletem na sua formação e construção da sua identidade docente. Para isso assumimos a pesquisa narrativa como estratégia metodológica, pois acreditamos que esta cria um espaço para a (re)memoração dos acontecimentos, escuta do Eu e do Outro que permite compreender o narrado-falado e colocar em evidência os obstáculos, as afirmações e a possibilidade de produção de políticas afirmativas e formativas dos sujeitos.

Esperamos, desta forma, que a pesquisa contribuía para a desnaturalização da desigualdade racial sistêmica instalada no âmbito da nossa sociedade, para a abertura de um espaço no âmbito acadêmico-científico que dê voz aos negros, estimulando discussões no campo da Educação em Química acerca do racismo, possibilitando-nos repensar também os cursos de formação inicial de professores.

2 MÉTODO

Esta pesquisa tem um caráter qualitativo e parte das histórias de vida de uma licencianda em Química, da UTFPR – Londrina. Adotamos como referencial metodológico a pesquisa narrativa, que segundo Clandinin e Connelly (2000) é uma forma de entender a experiência, as situações vivenciadas, em um processo de



colaboração entre pesquisador e pesquisado. A pesquisa narrativa, de acordo com Paiva (2008), “pode ser descrita como uma metodologia que consiste na coleta de histórias sobre determinado tema onde o investigador encontrará informações para entender determinado fenômeno”. Acreditamos ainda que ao nos inclinarmos para a escuta do Outro desenvolvemos um processo de (auto)reflexão, isto é, que ao ouvir e dar voz às histórias de vida do outro, efetuamos uma mescla memorística, narrativa e interpretativa que contribuem também para pensarmos as nossas próprias trajetórias (RAGO, 2013).

Além disso, o ato de narrar pode constituir-se também como uma ferramenta para a formação de professores, visto que ao narrar suas histórias de vida, os licenciandos encontram uma forma de documentar e refletir acerca de suas experiências formativas, envolve pensar também os efeitos sócio-históricos e espaço-temporários na constituição do licenciar-se (PASSEGGI, 2010). Como defende Santos (2016), o visceral é colocado no narrar-se, as múltiplas epistemologias: os modos de aprender, ensinar e constituir conhecimento.

O primeiro passo da pesquisa foi selecionar o/a participante, com base nos seguintes critérios: a) estar regularmente matriculado/a no curso de Licenciatura em Química da UTFPR-Londrina; b) autodeclarar-se negro/a; c) possuir acesso à internet e recurso tecnológico para a realização da entrevista; e d) estar apto/a a compartilhar suas histórias de vida de forma voluntária para o projeto. Em seguida efetuamos a entrevista, a transcrevemos e analisamos a partir da proposta da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2010), em três etapas: pré-análise; exploração do material; e, tratamento e inferência dos dados.

Na primeira etapa realizamos a organização inicial da narrativa obtida durante a entrevista, por meio de uma leitura flutuante, tomou-se conhecimento do material de forma geral. Na segunda etapa ocorreu o processo de codificação e categorização do material. A codificação foi efetuada por meio do recorte de unidades de registro (unidades de significação), trechos da narrativa organizados por meio de um código, estas posteriormente foram agrupadas em categorias, criadas a posteriori. E, na terceira e última etapa, exploramos o resultado obtido com a categorização, isto é, desenvolvemos as possíveis inferências tendo em vista o nosso referencial teórico e objetivo, concluindo com a escrita de um metatexto, que apresentamos na próxima seção.

3 RESULTADOS

Antes de adentrarmos na análise da narrativa cabe apresentar a licencianda que aceitou participar desta pesquisa. Ela se considera parda, tem 23 anos de idade, é estudante de Licenciatura em Química da UTFPR – Londrina e estagiária em uma indústria do segmento de higiene pessoal. Ao solicitar que escolhesse um nome para ser identificada para preservar seu nome verdadeiro, pontuou que gostaria de ser chamada de Acza, nome de uma personagem bíblica que admira por ter fugido “dos padrões daquela época”. Neste sentido observamos que a narrativa bíblica acaba por assumir papel de um (auto)relato, visto que a licencianda também se descreve como uma pessoa “muito determinada, muito corajosa”. Ressalta ainda que se considera alegre, comunicativa, determinada e esforçada.

A seguir apresentamos algumas unidades de registro extraídas da narrativa de Acza, que representam o racismo em sua trajetória formativa. Cabe destacar que para este escrito trazemos apenas as histórias de vida que se referem à graduação, deixando para outras produções uma discussão mais ampla.

3.1 Marcas do racismo na trajetória formativa de Acza

Quando pedimos para Acza que nos contasse acerca de violações físicas, psicológicas e/ou simbólicas relacionadas ao racismo na sua história de vida, uma de suas primeiras lembranças foi a discriminação que



sofreu durante um período que atuou como estagiária em uma escola pública, por intermédio do Programa Institucional de Bolsa à Iniciação a Docência (PIBID):

“Eu passei por isso (racismo) na licenciatura né, teve um período do curso que eu fui fazer o PIBID [...] a situação mais triste que eu passei com relação ao racismo” (UR067)

*“[...] eu já tinha ouvido nas reuniões do PIBID um pouco antes de eu entrar [...] ‘olha a professora tal não fala com alunos se for gays, ou se for negros, ou se for morenos, ou se for com calça rasgada, ou se tiver piercing, ela não fala com esse tipo de aluno’, aí eu falei ‘tá...eu vou... que absurdo né’. Aí quando eu cheguei lá (na escola), era eu e mais uma outra moça que já se formou, eu e a D****, a gente ficou para acompanhar essa professora. E eu lembro muito assim... ela não olhava para mim, ela não falava comigo, quando ela queria falar comigo ela falava com a D**** para D**** falar comigo. E às vezes eu estava do lado da D**** (pausa na fala)” (UR076)*

Observa-se que a experiência vivenciada por Acza se caracteriza pela atribuição de tratamento diferenciado a pessoas membros de grupos racialmente identificados. Segundo Almeida (2019) o requisito essencial para que isso se desenvolva é o poder, isto é, que o sujeito que pratica o racismo use sua força ou posição como vantagens. Mas vai muito além de uma discriminação direta para com a licencianda. No relato de Acza a atitude da professora é uma situação recorrente, realizada também contra estudantes da Educação Básica, um racismo já naturalizado neste ambiente escolar, algo que inclusive era de conhecimento amplo, que já circulava fora dos muros da escola, no âmbito das reuniões do PIBID.

O efeito do racismo arraigado no imaginário social brasileiro ao longo da história, como marca Gomes (1993, p.52), “foi incorporado no discurso e na prática do cidadão brasileiro e transformou-se em senso comum, a ponto de ser repetido na escola como se fosse consenso para toda a sociedade”. Neste sentido, podemos dizer que o racismo materializado como discriminação racial tem um caráter sistêmico. Não é apenas um ato discriminatório isolado, mas “um processo em que condições de subalternidade e de privilégio que se distribuem entre grupos raciais se reproduzem nos âmbitos da política, da economia e das relações cotidianas” (ALMEIDA, 2019, n.p).

Essa reprodução do racismo na escola, despertou a atenção de Acza:

“[...] ver ela fazendo isso com os alunos na sala era pior ainda. Eu lembro que na época é... tinha uma aluna [...] a professora não falava com ela. Eu lembro que tipo às vezes os alunos perguntavam né, e ela tinha os seus preferidos ali da turma, mas quando a menina perguntava ela simplesmente virava e continuava escrevendo no quadro.” (UR077)

“Então, assim, isso foi bem triste, foram três meses bem tristes, na época precisava do dinheiro [da bolsa do PIBID], né [a entrevistada se emociona]” (UR078)

Segundo Moreira (1997, p.102) “Por trás das altas taxas de infrequência, repetência e evasão escolar verificadas entre as crianças negras, existe um denominador comum: a estigmatização e a desqualificação delas em razão do racismo”. O que contribui para que a identidade negra seja subjugada, menosprezada, apagada, silenciada e empobrecida na realidade social mais ampla. E este processo pode causar sérios danos na construção identitária e social de mulheres e homens e negros (ALMEIDA, 2019).

Mas a licencianda descreve que não demorou muito para que a aluna vítima do racismo a procurasse para pedir ajuda com os estudos. Nesta época Acza e a outra estagiária já estavam realizando, a pedido da professora, monitoria no período da tarde para ajudar um aluno com déficit de atenção, todavia, sentiu a necessidade de ajudar:



“E aí, essa menina veio pedir para a gente, se a gente poderia ajudar ela com a disciplina, porque ela iria reprovar. Eu falei ‘não, tudo bem’. E a gente terminou o trabalho com a aluna. Tinha dia que eu ia dar monitoria escondida para essa menina na escola [...]” (UR079)

Podemos dizer que a situação exigiu que Acza buscasse uma equidade entre os sujeitos, assumindo o papel não desenvolvido pela docente. Farias (2019, p.71) ressalta que “em alguns casos o trabalho se insinua lateralmente e se insere de modo transversal forçando os sujeitos a abandonarem sua zona de confronto e se desafiarem a novos horizontes”. No caso da licencianda o racismo também lhe serviu como um incentivo para se perceber como docente. A própria Acza nos revela que estes acontecimentos trouxeram marcas para seu licenciar-se:

“[...] no final ela [a aluna] acabou passando e deu tudo certo, graças a Deus, mas assim, na época me desanimou muito e me traumatizou bastante [a atitude da professora]. Mas foi bom para entender tudo aquilo que eu não quero ser como professora, sabe.... Foi bom para ver tudo aquilo que eu posso fazer diferente” (UR085)

“Quando você passa por uma situação difícil você tem que duas opções: você se rende aquilo ou você aprende com aquilo”. (UR086)

Perante o exposto percebamos que o estágio de iniciação a docência de Acza foi conflituoso e difícil, ao mesmo tempo em que trouxe marcas negativas, que a desestimulou e a deixou triste, também lhe oportunizou um (re)olhar do Eu, sua formação e do Outro, em diferentes aspectos. Narrar estes eventos também ajudam e estimulam Acza a refletir e buscar vestígios da constituição da sua identidade docente. Nesta prática de narrativa-pedagógica, segundo Nogueira e Prado (2010), são estimuladas diagnoses, interpretações, bem como é possível compreender, por exemplo, o que adoce e o que se torna saudável nos atos pedagógicos. Para Farias (2019, p.71) se temos um “trauma ou experimentamos alguma situação em que não conseguimos dar conta do impacto ou da violência imbuída, tendemos a esconder simbolicamente estes eventos. Buscamos não falar sobre ele, ou nos esquivamos de situações similares”. Nesta direção o narrar que se elabora é uma possibilidade de construir outras educações, escolas ou formações possíveis.

Romper com os acordos de silenciamento do racismo, tal como feito por Acza ao nos narrar esta sua história de vida, também é um dos grandes esforços do campo das relações étnico-raciais. De acordo com Silva (2015) é importante que se fale do racismo, de como este se incorpora nas nossas vidas, tecendo redes com experiências de diversos sujeitos que nos mostrem “o racismo em suas diversas faces”, pois isso nos dá elementos para combatê-lo em sua raiz. Neste sentido, consideramos que ampliar os conhecimentos acerca dos mecanismos de funcionamento do racismo nas licenciaturas é essencial para propormos mudanças na formação inicial de professores, no sentido de uma educação antirracista.

4 CONCLUSÃO

O objetivo desta pesquisa foi identificar as marcas deixadas pelo racismo na trajetória formativa de uma educanda do curso de Licenciatura em Química da UTFPR-Londrina. Observamos que o racismo expresso nas narrativas de Acza caracteriza-se como estrutural, compondo uma estética (re)produtivista de discriminações e instituições racistas que tentam diminuir, apagar e/ou silenciar os negros. Os acontecimentos relatados pela licencianda parecem influenciar a sua formação, a construção da sua identidade enquanto docente e negra.

Defendemos que o racismo precisa ser pesquisado e problematizado para que possibilidades de enfrentamento sejam criadas. A escuta das histórias de vida negras, no espaço das licenciaturas, contribuem



com uma base de conhecimentos e com uma sensibilização para repensarmos o currículo dos cursos, para promovermos uma educação que de conta das relações étnico-raciais, de uma educação anti-racista. Além disso, reforçam a necessidade da criação e/ou fortalecimento das políticas afirmativas no âmbito universitário. A ausência desse debate contribui para a permanência do racismo nas diversas esferas da nossa sociedade, em especial nas escolas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, S. L. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019. E-book (não paginado).
- ARBOLEYA, A.; CIELLO, F.; MEUCCI, S. “Educação para uma vida melhor”: trajetórias sociais de docentes negros. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 45, n. 158, p. 882-914, out./dez. 2015.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Lisboa: Edições70, 2010
- BRASIL, Instituto Nacional de Ensino e Pesquisa Educacionais Anísio Teixeira. **Censo da educação superior 2012**. Brasília: MEC/Inep, 2012.
- CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. **Narrative inquiry: experience and story in qualitative research**. San Francisco: Jossey-Bass, 2000.
- FARIAS, N. O. L. **Trajетórias de docentes negros/as universitários: desafios entre a presença e o reconhecimento a partir das relações raciais no Brasil**. 2019. 98f. Dissertação (Mestre em Educação) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2019.
- GOMES, N. L. Professoras Negras: identidade e memória. **Educação em Revista**, n.18, p.49-58, dez.1993.
- MOREIRA, D. Racismo na escola. **Presença pedagógica**, v.3, n.16, jul./ago. 1997.
- NOGUEIRA, E. G. D.; PRADO, G. V. T. Revirando quintais: em busca dos vestígios formativos. In: SILVA, V. L. G.; CUNHA, J. L. (Orgs). **Prática de formação, memória e pesquisa (auto)biográfica**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010, p. 189-210.
- PAIVA, V. L. M. O. A pesquisa narrativa: uma introdução. **Revista brasileira de linguística aplicada**, v. 8, p. 261-266, 2008.
- PASSEGGI, M. C. Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório. In: PASSEGGI, M. C.; SILVA, V. B. (Orgs). **Invenções de vida, compreensão de itinerários e alternativas de formação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010, p.103-131.
- RAGO, M. **A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade**. 2. ed. Campinas: Editora Unicamp, 2013.
- SANTOS, V. M. A abordagem biográfica na crítica feminista às ciências. In: CORDEIRO, R.; KIND, L. (Orgs). **Narrativas, gênero e Política**. Curitiba PR: CRVm 2016, p. 101-120.
- SILVA, M. J. **Ensaio: achados e perdidos de uma pesquisa entre formação de professores e relações inter-raciais**. 2015. 111f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2015.